



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 11/02/2022 a 17/02/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
11/02/2022	15,83	456,60	65,72	7,97	6,51
14/02/2022	15,70	448,40	65,81	7,99	6,55
15/02/2022	15,51	438,80	65,63	7,79	6,38
16/02/2022	15,87	449,40	66,97	7,80	6,47
17/02/2022	15,92	449,20	66,81	7,98	6,50
Média	15,77	448,48	66,19	7,91	6,48

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	193,00	
RS – Não Me Toque	193,00	
RS – Londrina	188,00	
PR – Cascavel	187,00	
MT – C.N.Parecis	166,00	
MS – Maracaju	185,00	
GO - Rio Verde	177,00	
BA – L.E.Magalhães	173,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	82,00	CIF
Porto de Paranaguá	90,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	94,00	
SC – Rio do Sul	96,00	
PR – Cascavel	92,00	
PR – Londrina	91,00	
MT – C.N.Parecis	76,00	
MS – Maracaju	86,00	
SP – Itapetininga	94,00	
SP – Campinas	96,00	CIF
GO – Rio Verde	87,00	
GO – Jataí	87,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	86,00	
RS – Não Me Toque	85,00	
PR – Londrina	87,00	
PR – Cascavel	90,00	

Período: 16/02/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 18/02/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	94,03	194,60	85,90

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
18/02/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	67,71
Feijão (saco 60 Kg)	279,69
Sorgo (saco 60 Kg)	70,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,22
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,91**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,96

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Janeiro/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, continuaram firmes, porém, não conseguiram romper o teto dos US\$ 16,00/bushel. O clima seco e as fortes perdas na América do Sul, associados, pontualmente a um incêndio ocorrido no dia 15/02 em uma planta esmagadora de soja da empresa Louis Dreyfus, nos EUA, mantiveram as cotações nos atuais níveis. A esmagadora de soja atingida pelo incêndio é a maior dos EUA e os efeitos de sua paralisação atingem os mercados do farelo e do óleo de soja. A alta nos derivados do grão ajuda a puxar para cima as cotações do mesmo, porém, esse movimento não deverá ser longo em função deste problema. O fechamento desta quinta-feira (17/02) ficou em US\$ 15,92/bushel, contra US\$ 15,74 uma semana antes, lembrando que a média de dezembro passado foi de US\$ 12,89 e a de janeiro/22 de US\$ 14,00, considerando o primeiro mês cotado. Isso dá a dimensão exata do forte aumento das cotações em Chicago a partir de meados de dezembro.

Em paralelo, os embarques de soja, pelos EUA, na semana encerrada em 10/02 atingiram a 1,15 milhão de toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial 2021/22 os EUA embarcaram 38,8 milhões de toneladas, ainda 23% abaixo do volume embarcado no mesmo período do ano anterior.

Em relação ao esmagamento de soja nos EUA, o mesmo ficou abaixo do esperado em janeiro passado segundo a Associação Nacional de Processadores de Oleaginosas. O mesmo atingiu a 4,96 milhões de toneladas, ficando 2,3% aquém do recorde mensal obtido em dezembro/21 e 1,3% abaixo do recorde de janeiro, alcançado em 2021. O mercado esperava um volume processado de 5,08 milhões de toneladas em janeiro. Mesmo assim, em 31 de janeiro as esmagadoras estadunidenses possuíam o segundo maior estoque de óleo de soja em final de mês, desde abril de 2020. Tais estoques aumentaram 12,6% sobre o final de janeiro de 2021.

Já na Argentina, os produtores locais tendem a realizar algumas vendas de soja para indústrias do Paraguai, pois a safra de soja deste último país apresenta quebra de 50% neste ano, fato que, sem as importações da oleaginosa, permitirá que as indústrias moageiras locais operem apenas até o meio do corrente ano. Mas o fluxo de vendas da Argentina não deverá ser importante porque igualmente neste país existe importante quebra de safra. Dito isso, o Paraguai deverá colher apenas 5 milhões de toneladas de soja neste ano, sendo este o menor volume dos últimos 10 anos. Lembrando que o vizinho país é o quarto exportador mundial de soja.

Aqui no Brasil, os preços se mantiveram firmes, puxados por Chicago e pela manutenção de prêmios portuários próximos de um dólar por bushel para o período entre março e maio. No entanto, o forte recuo do dólar (o Real atingiu a R\$ 5,12 no dia 16/02), impede preços mais elevados neste momento.

Assim, a média gaúcha no balcão chegou a R\$ 194,60/saco durante a semana, enquanto nas demais praças nacionais os valores oscilaram entre R\$ 166,00 e R\$ 188,00/saco.

Neste contexto, a comercialização da safra passada chegou a 97,2% do total até o dia 04 de fevereiro, ficando um pouco abaixo da média histórica para a data. Os produtores que ainda possuem soja tendem a esperar novas altas de preço diante das graves

perdas motivadas pela seca. Lembrando que na safra passada o Brasil teria colhido 137,6 milhões de toneladas de soja. Já para a nova safra 2021/22, cerca de 39% da produção esperada já teria sido vendida. No entanto, o ritmo de vendas futuras recuou bastante diante das incertezas quando ao real volume a ser colhido neste ano, especialmente no Centro-Sul brasileiro. Para se ter uma ideia, a média histórica de vendas futuras para esta época do ano é de 43%, enquanto no ano passado 60,4% da safra já havia sido negociada neste momento do ano. Lembrando que a estimativa de produção final vem sofrendo redução a cada semana. (cf. Datagro)

Em termos de colheita da atual safra, o Brasil atingia a 25,6% da área semeada até o dia 11/02. No ano passado, na mesma época, ela estava em apenas 7,1%, sendo que a média histórica é de 16,2%. O aumento no ritmo de colheita está sendo puxado pelo Mato Grosso, Estado que já teria 60% de sua área colhida, contra sua média histórica de 41,6%, enquanto no ano passado a mesma atingia a 22,3%. (cf; Safras & Mercado)

Já no Paraná a colheita da nova safra atingia a 21% da área, contra 3% no ano passado. A seca e o forte calor estão adiantando o ciclo de maturação das plantas, levando a uma colheita mais cedo. Lembrando que, por enquanto, o Paraná estima uma quebra de safra de soja em 40%. Em meados de fevereiro, o Paraná possuía 32% de sua lavouras de soja em condições ruins, contra apenas 5% na safra anterior nesta mesma época. (cf. Deral)

Em paralelo, vai se confirmando que o Brasil terá, em 2021/22, a maior quebra na história da safra de soja, em termos absolutos. As últimas estimativas dão conta de um volume final de apenas 122 milhões de toneladas, contra 142 a 144 milhões projetados inicialmente. Lembrando que houve aumento de 7% na área semeada nesta safra, e que o plantio foi realizado na época ideal na maioria das regiões. O Rio Grande do Sul é o Estado com maiores perdas, por enquanto atingindo a 52,3% do total esperado, embora haja muitas regiões que alcançam perdas perto de 80%. Em sendo assim, por enquanto a safra de soja gaúcha está estimada em apenas 10,3 milhões de toneladas, enquanto no Paraná se espera 12,1 milhões. Mas estes números podem ainda diminuir. (cf. Pátria Agronegócios)

Já no conjunto da América do Sul, somando as perdas brasileiras, igualmente estamos diante da maior quebra de safra da história, em termos absolutos. Neste momento, os três principais países produtores (Brasil, Argentina e Paraguai) deixariam de produzir 40,9 milhões de toneladas (há uma semana falávamos de 37 milhões) em relação ao inicialmente previsto. (cf. Pátria Agronegócios)

Por sua vez, o Rally da Safra 2022 que vem se realizando no Brasil estima uma produção nacional de 125,8 milhões de toneladas, pelo menos por enquanto. O que está ajudando a não reduzir mais o volume projetado é o bom desempenho da safra no Cerrado brasileiro. Porém, os dados são ainda da situação encontrada em janeiro. (cf. Agroconsult) Assim, consideramos que tais números estejam superestimados, visto que a seca continua a prejudicar as lavouras do Centro-Sul brasileiro, fato que leva a perdas maiores do que o Rally conseguiu captar até agora. Mesmo assim, a produtividade média esperada no Rio Grande do Sul, na época, já era de apenas 27 sacos/hectare no final da colheita. No Paraná a mesma ficaria em 41 sacos/hectare. Pelo lado positivo está o Centro-Oeste, onde a produtividade média do Mato Grosso está estimada, agora, em 61,5 sacos/hectare; e em Goiás, com 64,5 sacos. Mas é

muito cedo para se ter um quadro claro sobre o que realmente teremos no final da colheita no país. (cf. Agroconsult)

Pelo lado das exportações de soja, a média diária de fevereiro apresenta alta de 27,5% sobre o mesmo mês de 2021, apesar da quebra de safra já confirmada. Assim, em fevereiro espera-se vendas externas de um total de 7,1 milhões de toneladas. Se isso se confirmar, as vendas de soja ganhariam 1,59 milhão de toneladas sobre o mesmo período do ano passado, se constituindo em novo recorde para o mês. (Cf. Secex e Anec)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, estiveram um pouco mais elevadas do que na semana anterior. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (17) em US\$ 6,50, contra US\$ 6,41 uma semana antes. Lembrando que a média de dezembro/21 foi de US\$ 5,92 e a de janeiro/22 de US\$ 6,09.

Nos EUA, as exportações de milho, na semana encerrada em 10/02, atingiram a 1,46 milhão de toneladas, ficando um pouco acima do esperado pelo mercado. No total do ano comercial os embarques estadunidenses atingem a 20,06 milhões de toneladas, sendo ainda 12% inferiores ao estabelecido em igual momento do ano anterior.

Boa parte da sustentação das cotações do milho vem da elevação nas cotações da soja e do trigo, mas também da perda de produção nos principais países produtores da América do Sul.

Aqui no Brasil, os preços permanecem com viés de alta, especialmente no sul do país onde a seca provoca quebras importantes de safra, embora o mercado tenha se estabilizado nesta semana. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 94,03/saco, enquanto nas demais praças nacionais o produto oscilou entre R\$ 76,00 e R\$ 96,00/saco. Em paralelo, na quinta-feira (17), no meio do pregão da B3, o contrato março estava em R\$ 97,28/saco; maio em R\$ 94,74; julho em R\$ 88,98; e setembro em R\$ 88,90/saco.

Dito isso, no Mato Grosso a nova safrinha de milho já foi semeada em 57% da área esperada, contra 20,9% semeados em igual momento do ano anterior. Espera-se que, neste ano, cerca de 94% da área do milho safrinha seja semeada dentro da janela ideal de plantio, que se encerra em 28/02 no Mato Grosso. (cf. Imea)

Já no Paraná, conforme o Deral, a colheita da atual safra de verão chegava a 26% da área semeada, havendo 23% das lavouras em condições ruins, 37% regulares e 40% boas. Devido a seca, espera-se uma quebra também de 40%, o que traria a produção de milho verão, naquele Estado, para 2,47 milhões de toneladas sobre o inicialmente projetado. Isso significa uma produtividade média de 99,6 sacos/hectare, contra os 166 sacos inicialmente projetados. Quanto à safrinha de milho, o plantio atinge a 29% da área prevista, cuja totalidade deverá ser de 2,5 milhões de hectares. Até meados de fevereiro, das lavouras semeadas no Paraná, 84% ainda estavam em boas condições e 16% em situação média.

E no Mato Grosso do Sul, até o dia 11/02 os produtores locais haviam semeado 13,2% da área esperada para a safrinha de milho, contra a média histórica de 14,3% para esta época. Espera-se uma área total, neste Estado, de 1,99 milhão de hectares, com recuo de 12,6% sobre o ano anterior. O clima seria um dos principais motivos deste movimento de retração. A produção final, em clima normal, poderá gerar uma safrinha local de 9,3 milhões de toneladas neste ano, com produtividade média de 78,1 sacos/hectare. Os preços no Mato Grosso do Sul, que estiveram na média de R\$ 72,63/saco em fevereiro/21, estão agora em R\$ 85,45/saco. Com isso, até o dia 11/02 os produtores locais haviam negociado 10,6% da safrinha esperada para este ano, contra 27,6% um ano antes. (cf. Famasul)

Por sua vez, a produção total de milho no Brasil está agora estimada em 108 milhões de toneladas, com recuo devido a seca. Lembrando que os EUA ainda esperam 114 milhões e a Conab 112,3 milhões de toneladas. Isso tudo se a safrinha de milho, neste ano, vier normal. Ora, ainda há muitas dúvidas quanto ao clima em março e abril na metade sul do país. Especificamente em relação a segunda safra, espera-se uma área de 15,7 milhões de hectares, com aumento de 7% sobre o ano anterior, sendo que a produção está projetada em 92,2 milhões de toneladas, ou seja, 51,3% acima da frustrada safrinha passada. (cf. Refinitiv)

Em tal contexto, as vendas de milho da safra 2020/21, no Centro-Sul brasileiro, atingiram a 98,1% da produção, contra a média histórica de 98,4% para esta época do ano. A revisão da safra total brasileira de milho, em 2020/21, deixou agora, a mesma, em 87,7 milhões de toneladas.

Quanto a colheita do milho de verão, o Centro-Sul brasileiro, até o dia 4 de fevereiro, registrava 19% de área cortada, contra a média histórica de 9,9% para esta época do ano. (cf. Datagro)

Enfim, quanto as exportações de milho pelo Brasil, nas duas primeiras semanas de fevereiro o país exportou 383.226 toneladas, volume que corresponde a 49,3% do total exportado em todo o mês de fevereiro do ano passado. Assim, a média diária de embarques apresenta queda de 1,3% em relação a fevereiro de 2021. Destaque para o preço da tonelada do cereal, o qual neste início de 2022 subiu 22,1% sobre o mesmo período do ano passado, alcançando US\$ 266,20 neste momento.

Já em termos de importação, o volume comprado pelo Brasil, nas duas primeiras semanas de fevereiro, ficou em praticamente 15.000 toneladas, com o mesmo representando apenas 5% do registrado em todo o mês de fevereiro de 2021. Com isso, a média diária importada está 90% abaixo da realizada um ano antes. Em termos de preço, a tonelada de milho importada subiu 45% sobre o início do ano passado, passando agora para US\$ 253,30.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, voltaram a se aproximar dos US\$ 8,00/bushel. O fechamento desta quinta-feira (17) ficou em US\$ 7,98/bushel, contra US\$ 7,71 uma semana antes. A média de dezembro/21 ficou em US\$ 7,87, enquanto a de janeiro recuou 1,9%, ficando em US\$ 7,72/bushel.

As vendas de trigo por parte dos EUA, na semana encerrada em 10/02, ficaram em 118.100 toneladas, representando 61% abaixo da média das quatro semanas anteriores. No atual ano comercial os EUA já exportaram 13,2 milhões de toneladas, contra 16,8 milhões no mesmo período do ano anterior. O governo do país norte-americano espera exportar um total de 22,05 milhões de toneladas em 2021/22.

Por sua vez, a Rússia deverá atingir uma produção de trigo ao redor de 84,8 milhões de toneladas neste ano, após revisão para cima nas projeções existentes. O clima favorável é a razão deste aumento segundo a consultoria Sovecon. A Rússia é o principal exportador mundial de trigo, tendo na Turquia e no Egito seus principais compradores. A atual projeção de produção é 11,6% superior ao colhido no ano passado. Mas ainda há tempo para o início da colheita naquele país, fato que pode alterar as projeções indicadas.

E no Brasil, os preços se mantêm estáveis, com a média gaúcha no balcão fechando a semana em R\$ 85,90/saco, enquanto no Paraná os valores giraram entre R\$ 87,00 e R\$ 90,00/saco, com leve baixa no norte do Estado. Tais preços podem estimular o plantio, apesar de os altos custos de produção assustarem. Porém, no sul do país os produtores podem apostar no trigo para tentarem recuperar parte dos enormes prejuízos que ocorrem na atual safra de verão.

Por outro lado, segundo a Conab, em seu mais recente relatório, a última safra brasileira ficou em 7,68 milhões de toneladas, com alta de 23,2% sobre a frustrada safra anterior, sendo que a área nacional semeada com o cereal cresceu 17% sobre 2020, chegando a 2,73 milhões de hectares. Com isso, a produtividade nacional ficou em 2.803 quilos/hectare (46,7 sacos/hectare), ou seja, 5,3% acima do registrado na safra anterior.

Dito isso, neste meados de fevereiro os negócios com trigo nacional se dão particularmente em função da necessidade de os produtores liberarem espaço para a entrada da safra de verão, embora esta venha bem menor do que o esperado. Importante se faz destacar que, diante da revalorização do Real, as importações ficam mais baratas em moeda nacional, impedindo que os preços internos do trigo subam.

Enfim, o Brasil teria importado 501.546 toneladas de trigo em janeiro passado, sendo que 85,4% desse total veio da Argentina. A maior parte deste volume é referente a contratos fechados nos últimos meses do ano passado, com embarques programados para ocorrer durante a janela de exportação argentina (dezembro a março), segundo operadores que trabalham com importação do cereal. Em janeiro do ano passado as importações somaram 614.152 toneladas, o que significa que no primeiro mês de 2022 o país importou 18,3% menos trigo do que um ano antes. O recuo se deve a maior oferta nacional, após o recorde de produção na última safra, e ao baixo volume de moagem dos moinhos nacionais, diante da redução do consumo interno de derivados de trigo. O preço da tonelada importada, neste ano, foi 14,7% superior ao valor pago um ano antes, com a mesma atingindo o valor médio de US\$ 275,86.